

Cátia Miriam Costa

Centro de Filosofia da Ciência
Universidade de Lisboa/Universidade de Évora, Portugal
catiamiriam1@gmail.com

Augusto Bastos e Viana de Almeida: afirmações possíveis de criouldade nos anos 30 do século XX

Augusto Bastos e Viana de Almeida são dois autores mestiços, um angolano e o outro santomense, alternando a sua vida entre Portugal e as suas terras de origem. Escritores, cuja profissão principal não é a escrita, representam duas gerações diferentes, publicando ambos nos anos 30 do século XX, decénio em que as comunidades crioulas conhecem o auge de um progressivo controlo e silenciamento. A literatura e o jornalismo tornam-se as únicas armas possíveis a serem utilizadas, quando todos os meios de progressão económica e social se vão esbatendo e as iniciativas da sociedade civil começam a ser fortemente controladas na sua atividade, sendo algumas destas proibidas. A expressão textual passa, então, a ser a única forma de afirmação cultural própria.

Palavras-chave: criouldade, identidade, literatura, jornalismo

Augusto Bastos e Viana de Almeida são dois autores mestiços, um angolano e o outro santomense, alternando a sua vida entre Portugal e as suas terras de origem. Escritores, cuja profissão principal não é a escrita, representam duas gerações diferentes, publicando ambos nos anos 30 do século XX, decénio em que as comunidades crioulas conhecem o auge de um progressivo controlo e silenciamento. A literatura e o jornalismo tornam-se as únicas armas possíveis a serem utilizadas, quando todos os meios de progressão económica e social se vão esbatendo e as iniciativas da sociedade civil começam a ser fortemente controladas na sua atividade, sendo algumas destas proibidas. A expressão textual passa, então, a ser a única forma de afirmação cultural própria.

Keywords: Creole, identity, literature, journalism

À minha mãe que ficou em São Tomé depois que abalei. À negra de alma meiga, resignada e dolorosa, de olhar suave como uma bênção, que me amparou os primeiros passos e me formou o carácter.

Viana de Almeida, Maiá Pòçon, 1937

INTRODUÇÃO

Augusto Bastos nasce em Benguela, em Setembro de 1873, e é batizado, na Igreja de N.^a Sr.^a do Povo, em Dezembro de 1875, vindo a falecer em 1936 na mesma cidade¹. Filho de pai português e de mãe angolana, bebe nas duas tradições culturais os conhecimentos de que mais tarde faz uso. Vai viver para Portugal, ainda criança, e aí estudou². Teve várias profissões e desempenhou cargos políticos importantes, tendo sido técnico de contas, escrivão, solicitador, advogado, secretário e vereador da Câmara Municipal de Benguela, chegando a presidir os destinos do município. Perto do final da sua vida foi ainda o responsável, nomeado pelo então Alto-comissário de Angola, António Vicente Ferreira, pela organização e instalação do arquivo histórico da, então, colónia de Angola.

Estreia-se exatamente na imprensa como redator principal da revista *Campeão Popular, revista litteraria, theatral, tauromarchica e sportiva*, em Lisboa, em Junho de 1898, que teve vida breve, com apenas um número conhecido. No início do século, publica, ainda, no *Almanach, Ensaios Litterarios*, em Luanda. Versátil, encontramos-lo participando no *Jornal de Benguela* (nos decénios de dez e de vinte), no *O Lobito* (nos anos 30), e provavelmente em *O Angolense* e em *A Defeza de Angola*.

Viana de Almeida nasce em São Tomé e Príncipe em 1903, sendo bisneto do Barão de Agua Izé. Criado entre a tradição local e a cultura portuguesa vem a interessar-se pelas letras desde cedo. Sobre a sua vida não temos muita informação, mas tal como todos os jovens do seu tempo a viverem nas então colónias e membros da elite, a única solução para continuar os estudos seria vir para Lisboa, o que acontece. Intelectual empenhado e participativo na sociedade associa-se a diversos projetos da sociedade civil, sendo membro de associações, fundando e dirigindo publicações periódicas como *A Mocidade Africana*, em 1931, a *Humanidade*, em 1935, ou sendo coeditor de *África Magazine*, em 1932, havendo também registo da sua participação no *Brado Africano*. No entanto, não participa apenas em projetos diretamente ligados a África, passando também como repórter de *O Século*, *Diário de Notícias* e *Notícias*.

O que têm em comum estes dois autores? De gerações diferentes, um nasce quando o outro já é um homem feito (têm 31 anos de diferença de idade), ambos são mestiços, herdeiros de uma cultura crioula e membros de uma elite, produzindo textos literários e jornalísticos na década de trinta do século XX. Ambos se dedicam

¹ Os seus biógrafos Júlio de Castro Lopo, em 1964, e Geraldo Bessa Victor, em 1975, dão o dia 16 de Agosto de 1872 como o correto; na lápide da campa no Cemitério de Benguela a inscrição remete-nos para o dia 16 de Julho de 1874; de toda a forma existe acordo quanto ao local de nascimento e morte.

² Deixou testemunhos destes seus interesses, fosse nos quadros que pintou, dois deles retratando Teófilo Braga e António José de Almeida, dois importantes republicanos; fosse nas melodias que compôs sendo conhecidas as composições “As furnas do Lobito”; fosse na correspondência que trocou com personalidades ilustres do seu tempo, alguns intelectuais e cientistas como Camille Flammarion, famoso astrónomo francês. Quanto à escrita, abordaremos esse assunto em particular.

à escrita, não sendo essa a sua exclusiva ocupação e ambos passam as suas vidas nas suas terras de origem e em Portugal, mais propriamente Lisboa. Igualmente, os dois autores experimentam uma espécie de insularidade a vários níveis: por um lado, a insularidade geográfica de Viana de Almeida, por outro a “insularidade” figurada de Augusto Bastos, oriundo de uma cidade, rodeada de sertão que tão bem ele soube descrever, numa espécie de ilhéu cultural em que as intrigas entre os pensadores da terra são frequentes. Durante a sua vida, experimentam um outro tipo de insularidade: o de viver numa terra em que são identificados como diferentes e em que se sentem diferentes, num jogo permanente de alteridade, vinda do interior e do exterior. Nas suas obras, a envolvente da questão alteridade/mesmidade é uma constante e, se mais frequente ou expetável nas personagens africanas vivendo ou passando por Lisboa, não é um seu exclusivo, aparecendo personagens metropolitanas a passar por essa experiência de viver o “eu” e o “outro” em simultâneo. Mais do que uma experiência pessoal dos autores que se reflete na suas obras, parece ser a alteridade/mesmidade um tema de reflexão profundo que os acompanha nesse jogo entre realidade e ficção que está subjacente ao próprio processo criativo de escrita.

Outro aspeto que partilham é que ambos representam fases diferentes da ascensão e decadência da comunidade crioula. Ativos nos tempos de construção de propostas protonacionalistas, valorizando o espólio cultural autóctone, reconhecendo a importância da diferença face à cultura do colonizador, mesmo que admitindo, num modo ainda positivista e positivado de ver o mundo, os benefícios da colaboração entre colonizadores e colonizados no sentido de prover o progresso daquelas terras, os dois autores representam diversas gerações que tentaram construir uma alternativa ao modelo colonial então vigente. Se bem que as suas armas fossem as palavras e os textos que iam escrevendo, ambos se ligaram a projetos de sociedade civil e ambos perceberam o quão difícil seria lutar contra um sistema que não reconhecia o direito à alteridade e muito menos o direito a que alguém o pudesse unilateralmente declarar.

Pegamos, pois, em duas publicações. De Augusto Bastos, o folhetim *Memórias Policiais do Repórter Zimbro*, publicadas em 1931, e de Viana de Almeida, o livro de contos *Maiá Pòçon*, de 1937, curiosamente um ano depois do primeiro autor falecer. Estávamos na década que veio a conhecer das mais duras medidas contra as elites locais, no seguimento de uma política colonial de progressivo silenciamento dos intelectuais crioulos e negros das então colónias. Não era apenas o saber tradicional que era desprezado, com a sua mundividência desvalorizada, eram também os intelectuais portadores de conhecimentos científicos e sabedores da cultura dominante, mas também francos conhecedores, nem que fosse empíricos, das culturas populares que o povo fazia resistir através de uma oralidade persistente e de uma vivência continuada de antigas tradições. Estes dois autores percebem tudo isto, mas vão mais longe. Nas duas mentes, existe um projeto utópico de cooperação entre colonizador/colonizado que permitiria o bem comum através da educação e da partilha de conhecimentos, testemunho, também, da sua ambivalência cultural, no sentido de serem pertença de dois mundos que conciliam em si, valorizando aspetos de um e de outro dos lados.

VOZES ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Estas vozes crioulas traçam retratos de sociedades à procura de si mesmas e percebendo que caminham para um definhar que não controlam. A única forma de contrariar este movimento, era a palavra, era erguer a voz mais alto, escrevendo onde qualquer um poderia ler, independentemente da sua cor ou estatuto social, apesar de tanto a metrópole como as colónias terem um diminuto número de alfabetizados. Mas eram essas pessoas de poucas, médias ou muitas letras que poderiam ajudar a salvar algo que sentiam perder-se todos os dias. Surgem, então, os projetos de associações e novos periódicos, tentando recuperar um sentido de diversidade, sempre contrariado por uma sociedade colonial e controladora.

O caso santomense é particularmente curioso, porque sendo geralmente indicada como uma literatura pobre em número de publicações e diversidade de autores, a verdade é que S. Tomé e Príncipe é a primeira colónia a fornecer intelectuais ativos na valorização da herança africana no contexto da metrópole colonial em Lisboa, o que está patente na fundação em 1912, por santomenses, da Liga de Defesa dos Direitos de África. Durante os três primeiros decénios do século, a sua atividade em termos de sociedade civil é assinalável e é interessante como, liderando este movimento em Lisboa, estendem as suas reivindicações a todas as, então, colónias portuguesas³. A sua estreita relação com Angola, em termos económicos e de movimentação de pessoas, foi uma preocupação de muitos dos que escreveram sobre as colónias e que procuraram soluções, conciliando o bom que pensavam que os dois mundos tinham para dar. É por isso consensual que os intelectuais de um e de outro país tenham procurado soluções semelhantes e apostado, tal como se fazia em todo o mundo na época, na valorização do texto escrito.

E o que poderia ser melhor do que a imprensa para propagar ideais de conhecimento e de educação que pareciam fazer falta à sociedade, valorizando o texto escrito? O papel desempenhado pela imprensa, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, é extensível dos meios urbanos mais pequenos, como as cidades coloniais, às grandes capitais metropolitanas. Treinava-se, então, a relação entre o retrato do real e a formação de uma opinião pública, ainda inexistente ou incipiente. Eram generalizados conteúdos e através destes pretendia-se formar alguns interesses e gostos do público, desempenhando um papel muito similar ao que hoje encontramos na televisão e, mais recentemente, nas redes multimédia (com ênfase para as redes sociais) para termos uma ideia mais precisa do seu significado e impacto social. Tal como no início de cada processo que envolve a apropriação de novas técnicas e habilitações (como a capacidade de leitura, neste caso) envolvendo algum custo, no caso colonial, com base em Ilídio Rocha (2000), o público leitor era constituído por um pequeno número de indivíduos, mas com algum significado em termos quantitativos. Tratava-se de leitores com profissões qualificadas, ligados diretamente às autoridades que exerciam todos os tipos de poder: político, económico, social (em que se inclui, a educação e cultura e seu controlo em termos formais e

³ Vide OLIVEIRA, Mário António Fernandes de (1997), *A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 205-207; p 289.

de conteúdo). Parte dessa imprensa é mesmo formada a partir de alianças entre os *filhos da terra* e os metropolitanos que vinham representando novas ideias, alicerçadas em projetos maçónicos ou até em figuras significativas do então panorama colonial e que estavam ligados, por exemplo, à Sociedade Geografia de Lisboa. É indubitável o seu contributo tanto para a estética e conteúdos literários (como adiante veremos) como para a circulação de ideias e experimentação discursiva, promovendo uma circulação de temas e formas até então desconhecida no que se refere aos temas ligados à colonização e às realidades até então verdadeiramente *exóticas* aos olhos tanto de europeus das metrópoles como até de alguns naturais desses então territórios vindos para a metrópole.

A imprensa torna-se, então, num dos modos de educar a população e torná-la mais sensível a determinados conteúdos, incluindo, decerto o literário. Este entrelaçar entre a notícia e a crónica do real com o texto ficcional, publicado muitas vezes sob a forma de folhetim, permitia a disseminação rápida mesmo entre os não letrados (os que apenas ouviam ler) e levando a um alargamento do público leitor, de um considerável conjunto de informação para as dificuldades de comunicação ao tempo. Aliás, Sampaio Bruno (1987) reportando-se a Proudhon explica como naqueles tempos, a imprensa se tornara na principal leitura do Homem comum e como o folhetim correspondia aos condicionalismos históricos da época. Assim, a imprensa revela-se um instrumento importante da relação do real com o ficcional. Neste sentido, podemos perceber como dois tipos de texto distintos se interligavam e complementavam: um sobre o real, outro reportando-se a um mundo ficcionado; um com linguagem concisa e mais próxima do quotidiano, outro com uma linguagem de estilo artístico; um com o objetivo de informar, o outro com o objetivo de criar momentos agradáveis. Aliás, Bruno (1987) escrevia mesmo, no início do século XX, sobre esta estratégia de aliança entre imprensa e literatura, demonstrando que muitas vezes o escritor era o publicista e vice-versa e o quanto chegada era essa relação.

A imprensa concedia aos autores dois tipos de cenários, o primeiro cabendo dentro do estilo jornalístico, que poderia ir do artigo à crónica ou crítica, sempre tendente à criação de uma opinião pública como anteriormente referimos; este permitia ao escritor ou ao intelectual com ambições de escrita, iniciar um processo de captação do leitor através do discurso da realidade, tornando-se familiar a um conjunto potencial de leitores; o segundo cenário prende-se com o próprio exercício literário, não só pela crítica literária como pela própria escrita ficcional, por exemplo, em folhetins inclusos nos jornais. A imprensa torna-se, pois, numa oportunidade de conjugação e alternância entre o real e o ficcional, entre o texto-relato e o texto-criativo. Daí à banalização do folhetim nos jornais, em condições adversas à publicação de livros, vai um passo pequeno.

O escritor adapta-se a esta nova realidade e escreve para um espaço limitado, recorrendo a uma estética apropriada aos objetivos deste tipo textual. Parte da narrativa tem de ficar em aberto de episódio para episódio, ou de capítulo para capítulo, para que o leitor possa prosseguir na leitura, num jogo narrativo que permite que cada parte por si faça sentido, mas que o todo se complementa e forme uma

história. Este tipo de publicação permitiu aos escritores chegarem ao grande público da época e incutirem o gosto pela ficção. Estas publicações caracterizam-se, ainda, por terem linguagem acessível, muitas vezes moldada aos gostos e recolhida entre os grupos sociais que se pretende que as personagens representem, portanto demonstrando uma verosimilitude que imediatamente leva o leitor a entender qual o meio em que toda a cena se desenrola. A obra de Augusto Bastos em análise, *O Repórter Zimbro*, incorpora estas características, dada a sua produção em capítulos publicados separadamente, portanto constringido a algumas condicionantes narrativas que tornam o texto ainda mais interessante a nosso ver. É preciso lembrar também que os leitores deste tipo de literatura têm uma cultura média, vivem, sobretudo, ou viveram em ambiente urbano, explorando muitas vezes através da ficção a possibilidade de novos conhecimentos como a história, a tradição, os costumes sociais, etc.

No caso dos autores em apreço, pelo conhecimento das suas sociedades de origem, pela sua vivência relativamente a estas, pelo exercício no jornalismo que praticam ao longo de toda a sua vida, podemos afirmar que estamos perante a predominância de discursos intercomunicantes. Esta intercomunicação discursiva permite que o real e o ficcional se fundam, por vezes, quase confundindo o leitor sobre o que é pertença do mundo real e o que advém do mundo criado e ficcional. Na verdade, o realismo colocado nas descrições faz crer que todas aquelas personagens podem viver ou poderiam ter vivido num determinado espaço, o que é aprofundado com a referência precisa a elementos espaciais que transportam o leitor para um determinado território de ação. Aliás, esta propensão para a inserção de trechos do real, seja com base na pesquisa e recolha das narrativas orais, seja na valorização de aspetos tipicamente “locais”, é uma tendência apresentada por vários autores africanos que, se bem que recebendo educação europeia e sendo sujeitos, desde cedo, à estética literária ocidental, introduzem estes elementos na sua produção ficcional que hoje podemos considerar elementos de africanidade pela forma como são trabalhados, mostrando como aquelas narrativas de *espaços outros* seriam tão naturais e intrínsecas como as dos espaços de cultura dominante (entenda-se a cultura do colonizador). Lembramos aqui os exemplos de Debo Sissiko, do Mali, e de Maximilien Quenum e Paul Hazoumé do Benim que apresentam estas mesmas tendências, tal como o fazem Augusto Bastos e Viana de Almeida.

E, na verdade, essa verosimilitude retém o leitor no conteúdo, propriamente na ação principal da história, mais do que no pormenor estético e este aspeto também é visível nestes dois autores, em que o conteúdo tem uma força tal que parece subordinar o elemento estético do texto. No fundo, estamos presentes exercícios de resiliência, isto é, de adaptação à mudança sem perda de alguma individualidade, procurando respostas alternativas e a melhor na época parecia ser mesmo a escrita do que eram aquelas sociedades tão perto de Lisboa e tão longínquas relativamente aos portugueses e a descrição de como um mundo partilhado em que todos tivessem a sua oportunidade poderia ser o desejável.

ESCRITAS CRIOLAS: UM EXERCÍCIO DE RESILIÊNCIA

Memórias policiais do repórter Zimbro e Maiá Póçon são, como referimos, os livros escolhidos para esta análise. Escritos na década de trinta, obedecem a lógicas diversas de publicação o que é perceptível no formato que tomam. Se o segundo é um livro de contos, publicado em 1937, por uma editora, o primeiro são aventuras, publicadas em folhetim, em Angola, numa lógica muito apreciada pela comunidade leitora de então, sobretudo, em locais em que o livro ainda era um bem escasso. Assim, se no conto que denomina o livro de Viana de Almeida *Maiá Póçon* nos aparece uma das personagens a ler o folhetim do *Diário de Notícias* que chegaria com atraso à cidade de São Tomé, as aventuras escritas por Augusto Bastos obedecem à lógica de criação do folhetim, criando momentos de suspense na altura certa, usando de concisão nas descrições e de bastante precisão para que todos os pormenores possam ser criados e partilhados pela comunidade leitora (lembramos que muitas pessoas só acediam aos vários géneros literários através de ouvir ler, dado serem analfabetos). Fica, pois, comprovada esta estreita relação entre literatura e jornalismo que no ponto anterior explorámos, relativamente aos nossos autores.

Apesar da forma diferente, a verdade é que os dois autores tomam alguns elementos de conteúdo similares. Ambos escrevendo em português e dominando na perfeição a língua em que escrevem, aludem às línguas dos locais sobre os quais escrevem, introduzindo mesmo algumas palavras nestas línguas desconhecidas para alguns leitores, sobretudo, colonos e, no caso de Viana de Almeida, de metropolitanos. Augusto Bastos refere termos locais como “mucama”, “cubata”, “cacimbo” (enquanto época do ano e não como caracterização meteorológica como em Portugal se usa), “ladina”, “machila”, “moleca”, “moleque”, “gindungo” e “cabinda” e, igualmente, a fala de outras línguas em paralelo com o português, aludindo a “língua da terra”(desconhecida para boa parte dos leitores), isto é, a língua autóctone, enquanto o português era a língua do colonizador, dos aspetos formais de cultura, da cidade e dos seus habitantes. Estes aspetos ganham relevância se tivermos em consideração que estas aventuras refletem um grupo social educado e sendo considerado uma elite. Os crimes são perpetrados no seio da elite benguelense em ambos os títulos a que tivemos acesso: “A Máscara Azul” e o “Sinal de Morte”, aproveitando o autor para elucidar o eleitor da vida social da época, colocando aí muitas referências que se estendem do nome das músicas e danças, à descrição pormenorizada da vestimenta das personagens de acordo com o seu papel social e com as situações. Revela-se aqui, também, um pendor educativo face ao leitor que mergulha em toda uma época histórica anterior à sua vivência, sob o pretexto de uma empolgante ficção, resultante das aventuras detectivescas. Em Viana de Almeida (1937), igualmente, vamos encontrar o tipo de expressões anteriormente aludidos, a começar pelo próprio título do livro que o recebe a partir do primeiro conto, “*Maiá Póçon*” que “no idioma santomense quer dizer Maria da Cidade” (P. 16). Elementos da paisagem são igualmente colocados em destaque como por exemplo o tamarindeiro (árvore do tamarindo, praticamente desconhecido entre os leitores portugueses), ou alimentos como a

“farinha se mandioca fina”, “azeite de palma frito”, ou hábitos como o estender das esteiras para o almoço e a festa que se lhe segue, ou a referência às danças como a “puita”. Relembro que se trata de um livro de contos em que o autor, apesar da sua solidariedade para com os serviçais das roças e para com as pessoas modestas que construíam a então colónia de São Tomé e Príncipe, centra a sua narrativa em personagens masculinas que tomam o desígnio da ação e passam pela experiência da alteridade mas em postos de reconhecimento social: são médicos, guarda-livros, comerciantes, etc., o que diminui a possibilidade de vulgarização vocabular relativamente a alguns termos.

Igualmente, a beleza feminina africana é um tema recorrente, apesar de em Augusto Bastos ser mais frequente e ainda na senda dos autores oitocentistas que tentavam revelar ao mundo um outro conceito estético, que se perde um pouco em Viana de Almeida que quase sente a necessidade de justificar a beleza africana como tendo uma qualquer intervenção longínqua genética, provavelmente não negra. No caso de Bastos aparecem algumas figuras femininas com papel relevante na narrativa. No caso das africanas são descritas como mulheres belas e é revelada todo o seu esplendor, bem como as suas qualidades, quando pertencentes à elite, semelhantes às das senhoras portuguesas. Bastos descreve assim a sua personagem Matilde “era, pois, aos dezoito anos, prendada com uma sólida instrução e fina educação, exprimindo-se e redigindo admiravelmente, falando e escrevendo correctamente o francez e o inglez, cantando, bordando e desenhando (...)”; sabemos igualmente que é formosa e requintada, com os “seus formosos olhos negros, cujas pestanas, macias como veludo” (“O sinal da morte”). Já a “ladina preta Berta” era descrita como “amaneirada e esbelta”, “de feições simpáticas”, chegando a caracterizá-la com traços de elegância: “A simpática preta ladina Berta ajudada por um molequito de nome Catraio, vae fazendo o serviço de mesa, num vae-vem de passos e de meneios dengosos e elegantes” (“O sinal da morte”). Ainda descreverá o seu traje: “A cabeça de Berta, coroada por uma quindumba (penteado usado pelas mulheres da terra, trajando panos) bem lançada que mais realçava a graça do seu simpático rosto, assomou à porta, pediu licença e anunciou o jantar”; dois aspetos interessantes nesta descrição, um a vestimenta da empregada e, um outro, uma ideia de desempenho das suas funções com simpatia e agrado.

Em Viana de Almeida, as mulheres africanas não aparecem com esta graça e perfeição. Maiá Póçon parece ser uma exceção, apenas justificada talvez por uma mestiçagem antiga: “Não tinha feições grosserias; pelo contrário, o nariz, a boca, o contorno do rosto eram de uma delicadeza que surpreendia. Eu penso hoje, que na «lignée» familiar dessa rapariga se deveria ter dado algum cruzamento e que a influência de um passado longínquo” (P. 17). Outra personagem feminina dá nome a um conto, chama-se Nga-Sakirila (nome angolano) de uma serviçal pela qual se perderá de amores um branco, colono obrigado a ir para S. Tomé por questões financeiras e que, ao início tinha até algum desprezo por África e pelos africanos. Neste mesmo conto, os homens são desde logo descritos como tendo “rostos escuros, de grossas feições” (p. 127) mas algo introduz uma pequena diferença, face às descrições

exóticas de cariz europeu, esses mesmos homens eram pressentidos como tendo aqueles corpos “transudantes, torturados pelo esforço ao sol escaldante”, ou seja, aparece uma componente que quase explica tanta fealdade e que a própria personagem principal pres(sente). Quanto à jovem africana, parece que “nunca ele vira tam belas proporções, gestos de tam harmoniosa gravidade” “Quando sonhara ele que existiriam no mundo linhas tam esbeltas, ombros de tam ampla majestade, seios de tam desesperadora perfeição, ventre de linhas tais que parecia destinado à geração de uma raça de atletas esculturais.” (P. 132); para além da sua beleza física há algo de comportamental que é igualmente estético. Na verdade, aqui o autor não procura justificação na mestiçagem; a jovem aparece como uma serviçal angolana.

Parece que neste jogo de descrições de figuras femininas, o autor, joga também com os preconceitos e não esqueçamos que tanto Viana de Almeida como Augusto Bastos estão num permanente diálogo com os leitores, seja através de frases que introduzem no texto, seja na forma como organizam a sua narrativa, que tenta seguir a curiosidade e o raciocínio de quem vai lendo e desbravando terreno. A mulher africana surge aqui, então, como possibilidade de reconhecimento de especificidade e de qualidades positivas aos negros, aos africanos, e quem melhor que estas o poderia fazer? Ambos autores têm mães negras, antes surgem desse mesmo entrelaçar biológico e social de seres, daí que a sua estética acabe por ser reveladora deste fato: se as personagens principais são homens brancos ou mestiços, é natural que o elogio ao negro venha do lado feminino, como se ali se estabelecesse uma qualquer complementaridade.

Outro recurso usado pelos autores, é a fixação textual dos espaços onde decorre a ação, aumentando a verosimilitude para o leitor que pode identificar espaços físicos existentes na vida do leitor ou de alguém que lhes é íntimo. Se em Viana de Almeida abundam as descrições de Lisboa, S Tomé (cidade) e de alguma roça, em Augusto Bastos encontramos referências específicas à cidade de Benguela, ainda hoje perfeitamente detetáveis, fazendo com que o leitor possa recriar todos aqueles percursos (eu tentei e consegui fazê-lo). Este aspeto, indubitavelmente, cria ao leitor uma segurança de verosimilitude da história. A realidade aproxima-se, então, da ficção que leem, parecendo-lhes que tudo ali flui no mesmo sentido, facilitando a leitura, mas também a introdução de um discurso de índole educativa, quase pedagógica, com o objetivo de disseminar uma ideia de progresso e de interação entre os povos e as comunidades, pro vezes de denúncia e eliminação do racismo, muito óbvio no caso de Viana de Almeida. Deste modo, vemos surgir nas suas ficções personagens ancoradas nas suas experiências pessoais, baseadas e apresentadas ao leitor como tendo existido e feito parte da convivência dos autores ou fazendo parte da história de um espaço.

Se Bastos tenta recuperar um passado glorioso de colaboração entre as elites locais e os colonos chegados, numa ideia de possível harmonia entre todos, Viana tenta mostrar que no presente se, em vez do preconceito, houver uma vivência real das situações, a convivência será possível, deixando duas frases no derradeiro capítulo do seu livro, não um conto, mas um posfácio em que escreve: “O berço da civilização

moderna foi o Egipto. Que de civilização não poderá brotar de contacto da Europa com os prodígios de África!” (P. 168) “Quisera neste livro não perdessem o raio de poesia que as tocava na realidade; quisera contribuir com a minha cota de esforços para que a África seja melhor conhecida e amada.” (P. 168) Há uma tentativa de que África seja, como foi no passado, um continente com fala, com uma palavra a dizer, mesmo que de uma forma que aos olhos de hoje pode parecer tímida ou submissa, mas eram tempos coloniais, de forte discurso desigual, de estrangulamento das elites locais, do medo e da vergonha que parecia constituir ter uma pele mais escura. Procura-se na história, busca-se nas experiências pessoais, indaga-se na possibilidade de um contacto real entre indivíduos, uma convivência e complementaridade que possam construir um futuro melhor, mesmo que denunciando a violência de algumas situações, sob uma linguagem que quase parece tolerante face a este fato... são vozes de resiliência, já sem capacidade para lutar nem resistir, apenas para afirmar-se dentro de uma nova realidade que as quer silenciadas, amorfas, censuradas. É essa resiliência que mais tarde tornará possível resistir e lutar contra esse gigante que roubava a liberdade e a dignidade àqueles que mais contribuíam para a construção socioeconómica das então colónias. São, por isso, de lembrar estes crioulos, nem sempre totalmente conscientes das possibilidades do seu papel, dado o próprio meio em que se movem. Escritas que não sendo pitorescas de uma África de tambores e danças frenéticas (que também podem existir, mas não são as únicas), são, sobretudo, afirmações de sociedades com heranças várias, em permanente relação, deixando os seus traços em todos os aspetos da vida quotidiana, são sociedades possíveis, mescladas de contributos, capazes de seguirem um caminho próprio.

O ideal de sociedade criado neste universo ficcional apresenta “criados” com nome e personalidade, africanos com beleza e tudo isto reconhecido por todos, independentemente da sua origem, relações harmoniosas entre colonizados e colonizadores, se bem que em Viana de Almeida apareçam os “amargos de boca” de uma colonização que paulatinamente tem esquecido os seus colonizados ou os tem usado apenas para a prossecução dos seus fins. No entanto, as vivências africanas aparecem com toda a sua dignidade de tradições praticadas com civilidade, já sem a representação negativa que atribuía a estas práticas culturais, apenas por fazerem parte de quadros de alteridade. No fundo, são estas escritas, contrárias na sua fonte de produção à cultura dominante, que mantêm acesa a esperança das comunidades de intelectuais de cultura crioula, uma cultura resultante de encontros e desencontros, mas nova em si mesma e própria de sociedade cuja construção se afastou dos pontos de origem. É esta literatura que testemunha a tentativa de adaptação desta comunidade aos tempos difíceis de controlo de todas as manifestações sociais, logo culturais.

Seja relatando um presente difícil, mas ainda de esperança, nos contos de Viana de Almeida, seja apresentando aventuras do passado numa sociedade em que africanos de diversas cores e colonos partilhavam um espaço social, a ideia subjacente é a mesma a possibilidade, a nossos olhos utópica, da construção de um mundo passível da colaboração de todos. O diálogo entre Lisboa e a cidade colonial, sejam

estas São Tomé e/ou Benguela, é também essa conversa antiga entre o colonizador e o colonizado; se o repórter Zimbro vai de Lisboa para Benguela para ser jornalista e desvendar crimes, as personagens de Viana de Almeida oscilam entre uma vivência em Lisboa e em São Tomé, numa aliança possível, desejável... o que outrora podia repudiar por ser diferente, torna-se belo por ser agora conhecido, da África temerosa, passamos a uma África tão normal como qualquer outra parte do mundo, como o diz Pedro Félix Machado (2004), outro escritor crioulo de Angola, "Porque em África, caro leitor, pode-se ser feliz"... E creio ser essa intercomunicação discursiva entre o real e o imaginário que tornam a passagem desta mensagem possível, num verdadeiro exercício de adaptação dos meios e não do discurso àquilo que eram as condições possíveis de produção de culturas e propostas alternativas no seio de um discurso dominante cuja pretensão era ser unívoco, num diálogo permanente com o leitor que se consegue sentir parte da história. Autores como Augusto Bastos ou Viana de Almeida provam que o discurso não tem de ser unívoco, que não foi uma unidade e que pode ser tanto interpretado como um ponto de partida como um ponto de chegada, dependendo se olhamos para o passado ou para o futuro.

CONCLUSÃO

Augusto Bastos e Viana de Almeida, dois nomes pouco conhecidos, mesmo entre os que se dedicam aos estudos literários ou aos estudos africanos, são referências a serem tidas em conta, pela tentativa de afirmação cultural que tentam fazer, pela sua resiliência face a um processo colonial que pretendia apagar toda a herança cultural não portuguesa e desvalorizá-la ao ponto de considerá-la como não cultura. Exercício de resiliência, a escrita destes e doutros autores deixou o seu testemunho que nos cabe a nós estudar e recuperar, lembrando que estas foram as afirmações culturais possíveis, mas não menos importantes na história dos povos que sendo colonizados, souberam manter uma memória e uma identidade diversa da de quem os mantinha silenciados, mas nunca silenciosos.

A dimensão social e política dos textos aqui em análise pode parecer mínima para um leitor distraído, mas coordenando as poucas possibilidades que um analfabetismo galopante e uma dificuldade tremenda em publicar lhes proporcionavam, torna esta literatura em algo que não pode ser ignorado ou esquecido. Trata-se de um justo reconhecimento a autores que criaram personagens e narrativas com o fim de divulgar a sua realidade e, em simultâneo, de propor e antecipar soluções num momento em que tudo parecia poder perder-se, incluindo algumas conquistas que as pequenas elites locais tinham conseguido e que poderia constituir o primeiro passo para uma dignificação dos seus irmãos africanos. Por isso dizemos que são afirmações possíveis, não as desejáveis, talvez não as expectáveis por nós, leitores e académicos nos dias de hoje, mas na verdade, constituem inteligentes aproveitamentos dos poucos meios que havia à disposição dos escritores, sobretudo, se vindos do que hoje chamaríamos minorias étnicas, mal representadas no poder político do país, numa estética que, sendo condicionada pelo gosto do leitor e maioritariamente for-

mada segundo os ensinamentos metropolitanos, arriscava eliminar o pitoresco, como o próprio Viana de Almeida declara, trocando-o pela apresentação de cenários tão “normais” e habituais como quaisquer outros em qualquer parte do mundo. Nesses textos couberam cidades tropicais, personagens interessantes, momentos de aventura, momentos de candura e sensibilidade, tal como caberiam em qualquer outra parte do mundo. Esse mundo colonial era, afinal, tão parte do mundo como outra parte qualquer. Acreditando nisso e nos valores de uma “mestiçagem” e intercâmbio culturais, estes autores escreveram as suas ficções para mostrarem que um outro mundo também era possível.

AGRADECIMENTO

Deixo aqui um agradecimento especial ao Prof. Francisco Soares por me ter fornecido digitalizados os textos das aventuras de Augusto Bastos, até agora citados, mas não estudados e apenas recentemente localizados por este professor.

BIBLIOGRAFIA ATIVA

Almeida, Viana (1937), *Maiá Pòçon*. (sl): Edições Momento.

Bastos, Augusto, *Aventuras do Repórter Zimbro*. Benguela (Digitalização: Francisco Soares).

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AHMED, Dohra (2009), *Landscapes of Hope: Anti-Colonial Utopianism in America*, Oxford: University Press

ANDRADE, Mário Pinto de (1997), *Origens do Nacionalismo Africano : continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes de luta contra a dominação 1911-1961*. Lisboa: Publicações D. Quixote

BRUNO, Sampaio (1987), *Os modernos Publicistas Portugueses*, Porto: Livraria Civilização/Lello & Irmão Editores

CARIO, Louis, RÉGISMANSET, Charles (1911), *L'Exotisme : la Littérature Coloniale*, Paris: Mercvire de France

CORRADO, Jacopo (2010), “The Fall of a Creole Elite? Angola at the Turn of the 20th Century: the decline of the Euro-African Urban community”, *Luso-Brazilian Review*, 47, University of Wisconsin, pp. 100-119.

COSTA, Cátia Miriam (2011), “Augusto Bastos: discursos intercomunicantes entre o real e o ficcional”, *Maka - Revista de Literatura & Artes*, Volume I, N.º 1, Ano 1, Luanda: União de Escritores Angolanos, p. 137-148

JAUSS, Hans Robert (2003), *A Literatura como Provocação (História da Literatura como provocação literária)*, [tradução Teresa Cruz], Lisboa: Vega, 2.^a Edição

LOPO, Júlio de Castro, *Jornalismo de Angola: subsídios para a sua história*, Luanda, Centro de Informação e Turismo de Angola, 1964

LOPO, Júlio de Castro, *Para a história da imprensa de Angola*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1962

MACHADO, Pedro Félix [organização e prefácio de E. Bonavena] (2004), *Cenas de África? Romance Íntimo*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de (1997), *A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda

ROCHA, Ilídio (2000), *A imprensa de Moçambique*, Lisboa, Edições Livros do Brasil – Lisboa

SAID, Edward W. (2004), [tradução Pedro Serra], *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*, Lisboa: Livros Cotovia, 2.º Edição

SOARES, Francisco (2001), *Notícia da Literatura Angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda

VICTOR, Geraldo Bessa, *Intelectuais angolenses dos séculos XIX e XX: Augusto Bastos*, I, Lisboa, Edição do Autor, 1975

URRUTI, Jorge (2001), *Leitura do Obscuro – Uma Semiótica de África*, Lisboa: Teorema